abralic
XIV Congresso Internacional
Fluxos e correntes: trânsitos e traduções literárias

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

QUANDO O PADRE NÃO É SIMILAR A AMARO*

Antonio Augusto Nery (UFPR)

RESUMO: Embora Eça de Queirós tenha realizado modificações de várias ordens tanto na segunda (1876) quanto na terceira versão (1880) de *O crime do Padre Amaro*, a intensidade crítica do discurso anticlerical, presente nas narrativas, permaneceu praticamente igual ao constatado na primeira versão do texto, publicada em folhetins na *Revista Ocidental* durante o ano de 1875. Na verdade, a obra é tida como uma espécie de "marco", ou "exemplo maior", do modo como inúmeras vertentes do pensamento anticlerical, vigentes em Portugal no século XIX, foram veiculadas na literatura de ficção. A virulência crítica quase sempre conduz o leitor, de qualquer uma das três versões, à conclusão de que o romance explicita, unicamente, a principal e corriqueira meta do anticlericalismo: o rechaçado enfático à Instituição religiosa e seus representantes. O objetivo deste trabalho é averiguar em que medida tal concepção pode ser problematizada, considerando já a primeira versão do texto. Para tanto, analisarei a atuação da personagem Cónego Silva, que figura apenas nos folhetins de 1875, desaparece na segunda versão do romance e constitui-se uma espécie de "esboço" de Abade Ferrão, personagem importante da terceira e definitiva edição da narrativa. Se Ferrão é de maneira explícita uma espécie de contraponto às posturas do clero deplorável de Leiria, a meu ver a figuração de Cónego Silva, também um "religioso exemplar", problematiza a maneira com que comumente se compreende o anticlericalismo difundido por Eça de Queirós nesse romance.

Palavras-chave: Eça de Queirós. *O crime do Padre Amaro*. Anticlericalismo.

Meu intuito neste trabalho é problematizar a concepção de anticlericalismo com que, quase sempre, *O crime do Padre Amaro* foi (é) analisado, tentando investigar os discursos críticos presentes no texto que extravasam os ataques diretos e nítidos aos religiosos, à Instituição Religiosa e, por consequência, à Religião. Pretendo demonstrar que, se na superfície do texto são perceptíveis críticas negativas e ferinas ao clero, principalmente nas descrições de figuras como Amaro e os clérigos de Leiria, a partir de uma leitura mais acurada, podemos perceber outras formas do discurso (anti) clerical sendo desenvolvidas, por intermédio, principalmente, da valorização de algumas personagens religiosas.

* Esta é a versão preliminar do texto que será publicado brevemente em um livro de ensaios sobre a obra de Eça de Queirós.

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

Tal estratégia discursiva aflora duas características do discurso anticlerical de Eça que costumeiramente passam despercebidas na leitura desse romance: a intensificação do ataque às personagens e práticas religiosas que se quer questionar e, concomitantemente, a demonstração de um modelo ideal de religioso, cujo caráter, moral e ética são toleráveis ao narrador e aos intentos da narrativa.

Para tanto, averiguarei a atuação das personagens Cónego Silva, da primeira versão do romance (1875), e Abade Ferrão, da terceira versão (1880). Ambas possuem uma atuação secundária. O primeiro figura apenas na primeira edição da obra, publicada na *Revista Occidental*, em 1875, desaparece na segunda edição, de 1876 e parece ser o esboço de Abade Ferrão, personagem que surgiria na terceira e definitiva edição do texto, em 1880.

De saída, o narrador apresenta Cónego Silva de forma muito positiva, ilustrando-o de maneira completamente diversa daquela com que apresentou os outros clérigos da trama até o momento em que a nova personagem surge. Em suas descrições se quer é perceptível a fina ironia queirosiana que, já na primeira versão do romance, está presente na maioria das descrições e assertivas feitas sobre religiosos:

> O conego Silva era um homem alto e gordo, todo branco já, extremamente aceiado. Era filho de um negociante. Uma pessoa tranquilla, benevola, paciente; punha nos seus deveres uma minuciosidade regular e fiel: tinha uma naturesa delicada e consoladora, gostando de aconselhar de proteger: havia um tacto feminino, quasi maternal, nos seus modos; era exclusivamente padre, e a sua conezia, cujo recato tranquillo elle amava, isolava-o das cousas da cidade, e dos interesses civis. Tinha a paixão do latim, possuia uma livraria inlelligente e valiosa, e dizia-se em Leiria, que traduzira o livro de Tacito, *De Germania*; mas, vivendo n'um meio espesso, illetrado e plebeu, não fallava dos seus trabalhos [...]. O conego Silva estava em Leiria, esquecido no côro dos conego (sic), havia vinte annos. Os outros padres não o estimavam, e a sua claresa de costumes, limpida e honesta, irritava aquelles temperamentos carnaes. As devotas voltavam escandalisadas das suas palavras risonhas, ditas em voz alta, com um senso lucido, e um vago colorido ironico. Mas a sua sciencia, os seus talentos juridicos, o seu amor dos pobres, e uma grande decisão davam-lhe uma auctoridade victoriosa. Diante d'elle, os outros padres viam-se obrigados a conservar o recato ecclesiastico. (QUEIRÓS, 1875, p. 297-298)

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

Para além das descrições físicas, nota-se o interesse do narrador em apresentar um padre que, diferente dos seus confrades, tinha práticas e interesses voltados unicamente para sua vocação, características que o faziam "exclusivamente padre". Note-se também o interesse em descrevê-lo como alguém intelectual que conservava a leitura e cultivava o conhecimento amplo, para além da Bíblia e da doutrina, textos, aliás, dominados mecanicamente pelos outros padres, que os utilizavam para os mais diversos interesses, no púlpito e fora dele.

Cabe mencionar, ainda, o fato de que a narrativa parece insinuar que justamente porque ele era um padre diferente, com comportamento e reputação exemplar, fora esquecido "no côro dos cônegos" e era desprezado pelos outros prelados, que se viam obrigados a respeitá-lo. Era também mal compreendido pela beataria, acostumada aos discursos, sermões condenatórios e desprovida das "palavras risonhas" e de "colorido irônico".

Cónego Silva surge no Capítulo VI, na ocasião em que o narrador nos dá notícias sobre as reuniões que os Padres de Leiria estavam acostumados a fazer no quarto de Amaro, após tomarem chá no cômodo de cima da casa de S. Joaneira. A alcova do padre novato torna-se lugar privilegiado para Cónego Dias, Padre Natário, Padre Brito e o próprio Amaro sentirem-se seguros para contarem piadas, fofocar, gargalhar, fumar, escarrar, enfim, terem atitudes que no espaço público estavam cerceados de expressar.

Cônego Silva, que não compartilha do espaço, pois, embora tenha participado do chá no cômodo de cima, não descera para o *rendez vous*, torna-se o motivo de discussões por conta de suas práticas, bem como um motivo propício para a narrativa expressar as verdades sobre os religiosos ali reunidos, especialmente em termos morais e éticos.

Após ficarmos sabendo da reputação de Silva, nota-se que os padres elucubram uma infinidade de mentiras e maledicências que não condizem com seu comportamento. Amaro, depois de ouvir diversos impropérios sobre o Cónego, e Padre Natário concluir que: "Isto de santos, meu amiguinho, só na côrte do ceu" (QUEIRÓS, 1875, p. 299), enuncia o seguinte: "[...] a mim teem-me dito que o Silva é uma pessoa muito

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

virtuosa...” (QUEIRÓS, 1875, p. 299), fala que impulsiona os padres a continuarem o diálogo depreciativo, agora defendendo que, em verdade, não existiriam religiosos plenamente virtuosos.

De fato, fica nítido que é a partir da virtuosidade de Silva que os padres demonstram serem desvirtuados. Aliás, por conta das conversas sobre a reputação invejável de Silva, eles animam-se a rememorar fatos que os levaram a entender que as práticas imorais, ilegais e antiéticas eram não somente boas para refestelar a carne, mas, também, para galgar degraus na hierarquia de poder, religiosa e social.

A cena pode ser considerada simbólica para se compreender a crítica que Eça tece ao tratamento questionável que a Instituição Religiosa e a sociedade davam tanto a clérigos exemplares como Cónego Silva quanto a clérigos hipócritas, como Amaro e aqueles que o circundavam. O primeiro, ético, cumpridor de suas obrigações religiosas, com conduta ilibada, era desprezado, os outros, com comportamentos e práticas completamente diversas da dele, eram valorizados, reconhecidos e galgavam degraus tanto na hierarquia social quanto na da Igreja Católica.

Cónego Silva não retorna novamente à história, sua atuação fica concentrada nesse capítulo e, majoritariamente, na grande citação que fiz acima, todavia, a pequena aparição é fundamental para sintetizar as críticas aos religiosos que vinham sendo veiculadas pelo narrador e que são ainda destiladas até desfecho do texto.

Todas as características da composição de Cónego Silva parecem ter servido de ponto de partida para Eça desenvolver a personagem Abade Ferrão, que encontraremos figurando a partir do Capítulo XVIII, na terceira versão de *O crime do padre Amaro*, de 1880.

Ferrão surge na narrativa no momento em que Cónego Dias, a pedido de S. Joaneira, está prestes a verificar se Totó estava possuída por um espírito maligno. Isso acontece quando os ataques histéricos de Totó aumentaram significativamente, por conta dos encontros amorosos de Amaro e Amélia na casa do sineiro. A situação deixava Amélia cada vez mais impressionada, ocasionando-lhe pesadelos, e, por isso, incomodando S. Joaneira.

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

A ocasião para o surgimento da personagem não poderia ser mais propícia, pois, após descrever Abade Ferrão fisicamente e expor que o eclesiástico recusara o convite de Cónego Dias para ir até a casa do sineiro averiguar a suposta possessão demoníaca de Totó, o narrador relata o diálogo sobre fenômenos sobrenaturais entre ele e o Cónego.

Fica claro o bom senso do Abade em comparação com a crença beata e pouco ponderada de Cónego Dias sobre o assunto:

> O abade então confessou ao caro colega que eram coisas que não gostava de examinar. Aproximava-se sempre delas com um espírito rebelde à crença, com desconfianças e suspeitas que lhe diminuíram a imparcialidade. [...] — Decerto, decerto há prodígios, disse o abade. Negar que Deus ou a Rainha do Céu possa aparecer a uma criatura, é contra a doutrina da Igreja... Negar que o Demónio possa habitar o corpo de um homem, seria estabelecer um erro funesto... Aconteceu a Job, sem ir mais longe, e à família de Sara. Está claro, há prodígios. Mas que raríssimos que são, cónego Dias! [...] A minha regra nesses casos é ver tudo isso de alto e com muita indiferença. [...] - De modo que, disse o cónego à porta abrindo o seu guarda-sol, você, abade, em lhe cheirando a prodígio... — Suspeito logo escândalo. (QUEIRÓS, 2000, p. 761-763)

Depois desse episódio, Ferrão reaparece no capítulo XXI, no qual temos narrada a estada de Amélia na quinta de Cónego Dias. Como estratégia para esconder a gravidez da sociedade e, principalmente, da mãe, S. Joaneira, a menina fora enviada para o local, junto com a irmã doente do Cônego, D. Josefa, e a serviçal Gertrudes. Em uma rotina de rezas, cuidados da doente e saudosismo da vida que tinha, Amélia vivia solitária, entristecida e atormentada por terrores supersticiosos.

A moça se impressionada com situações e acontecimentos corriqueiros, concebendo-os como sobrenaturais, além de ter pesadelos frequentes. Na verdade, o narrador, no decorrer de toda a história, constantemente explicita tal característica da personalidade de Amélia e conecta-a à educação católica beata que a moça tivera, bem como com a convivência com crenças e superstições. Um comportamento perceptível também nas outras personagens religiosas que a circundavam, como a mãe S. Joaneira.

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

Neste ponto da narrativa, temos as alucinações de Amélia intensificadas, de tal maneira que Abade Ferrão é novamente introduzido na trama a partir da seguinte afirmação do narrador: "Decerto esta excitação a teria matado - se não fosse o abade Ferrão que começara então a vir ver muito regularmente a irmã do amigo cónego." (QUEIRÓS, 2000, p. 863). Ferrão fazia visitas frequentes à D. Josefa e acabou por se aproximar de Amélia, tornando-se seu amigo e confessor.

Entretanto, antes de explicitar as benesses que as visitas de Ferrão proporcionaram à Amélia, temos novamente a narrativa descrevendo positivamente a personagem, desta vez com mais detalhes sobre sua vida e práticas religiosas:

> Havia muitos anos que era ali abade; os bispos tinham-se sucedido na diocese, e ele ali ficara esquecido naquela freguesia pobre, de côngrua atrasada, numa residência onde chovia pelos telhados. [...] E ali ficara, entre gente pobre, numa aldeia de terra escassa, vivendo de dois pedaços de pão e uma chávena de leite, com uma batina limpa onde os remendos faziam um mapa, precipitando-se a uma meia légua por um temporal desfeito se um paroquiano tinha uma dor de dentes, passando uma hora a consolar uma velha a quem tinha morrido uma cabra... E sempre de bom humor, sempre com um cruzado no fundo do bolso dos calções para uma necessidade do seu vizinho, grande amigo de todos os rapazitos a quem fazia botes de cortiça, e não duvidando parar, se encontrava uma rapariga bonita, o que era raro na freguesia, e exclamar: <<Linda moça, Deus a abençoe!>> E todavia, em novo, a pureza dos seus costumes era tão célebre, que lhe chamavam <<a donzela>>. (QUEIRÓS, 2000, p.864-865)

Observemos o interesse do narrador em revelar detalhes da caridosa rotina pastoral exercida pelo abade e explicitar o fato que ele, tal qual Cónego Dias, fora "esquecido" pelos outros clérigos. O ideal de pobreza e de desprendimento material também fazem parte das descrições que a narrativa tece sobre Ferrão, na verdade, esses parecem ser detalhes importantes da personagem, muito prezados pelo narrador, pois são características que o fazem singular entre os outros religiosos que compõem o enredo.

Outra característica que se percebe nas descrições e que está próxima do que ficamos sabendo de Cónego Silva é que dentre os seus paroquianos, as atitudes singelas

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

e dóceis de Ferrão davam-lhe ares femininos, quase maternais. No decorrer da narrativa, tais características somente se adensam no sentido de caracterizá-lo como extremamente bondoso e acolhedor, principalmente nos episódios em que ele torna-se o confessor de Amélia.

Assim, é já na sequencia do trecho acima que temos, talvez, a principal deferência positiva que narrativa concede a um religioso:

> De resto, padre perfeito no zelo da Igreja; passando horas de estação aos pés do Santíssimo Sacramento; cumprindo com uma felicidade fervente as menores práticas da vida devota; purificando-se para os trabalhos do dia com uma profunda oração mental, uma meditação de fé, de onde a sua alma saía ágil, como dum banho fortificante; preparando-se para o sono com um destes longos e piedosos exames de consciência, tão úteis, que Santo Agostinho e S. Bernardo faziam do mesmo modo que Plutarco e Sêneca, e que são a correção laboriosa e subtil dos pequenos defeitos, o aperfeiçoamento meticuloso da virtude ativa, empreendido com um fervor de poeta que revê um poema querido... E todo o tempo que tinha vago abismava-se num caos de livros. (QUEIRÓS, 2000, p. 865)

Fica nítido que Ferrão era o oposto dos clérigos de Leiria, sua vocação era exemplar; além das práticas de oração sincera, também tinha práticas de caridade que iam desde dar dinheiro aos pobres a consolar uma velha que perdera sua cabra. Há ainda certo detalhe que a narrativa parece prezar sobremaneira em Ferrão. Detalhe esse que também é algo que encontramos em Cónego Silva. Desde a primeira aparição do Abade, quando diante do Cônego Dias ele carregava dois volumes, insistentemente o narrador conecta-o à leitura, à ilustração e/ou ao cultivo da sabedoria, ressaltando que Ferrão não lia ou detinha conhecimentos somente sobre matéria religiosa, mas, também, acerca de diversas áreas do conhecimento.

Aliás, isso é nitidamente ressaltado nos relatos sobre os diálogos e relações fraternas que Abade Ferrão mantinha com as personagens declaradamente anticlericais como João Eduardo, Morgadinho de Poiais ou o Doutor Gouveia. Diferente dos outros religiosos da trama, as personagens que representam a clara oposição ao clero e a Igreja

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

gostavam de conviver com Ferrão, sobretudo pelo fato de que o Abade era ilustrado, debatia assuntos diversos e respeitava opiniões divergentes das suas.

No desenvolvimento do Capítulo XXI, no qual o narrador já não esconde a preferência por essa personagem - que o diga o epíteto "bom", antecedendo o nome do Abade em grande parte das evocações feitas a ele - , nota-se mesmo que a narrativa sugere a ilustração, a tolerância e o diálogo como alternativas para que os religiosos e a Igreja tivessem um diálogo saudável com as novas crenças, os descrentes e/ou ateus dos novos tempos.

Também no decorrer do capítulo, vemos Ferrão se constituindo uma figura paternal para Amélia: ele a acolhe, a ouve e a entretém, revelando-se um padre completamente diferente daqueles que a moça estava acostumada a conviver, além de apresentá-la a um Deus destoante da concepção difundida pelos padres de Leiria. Como sabemos, Ferrão torna-se uma espécie de guardião de Amélia, ele inclusive tenta aproximá-la de João Eduardo como saída tanto para o desconsolo dela quanto dele. Tentativa que somente não fora bem sucedida por conta da morte da menina durante o parto.

Porém, mesmo com inúmeras características positivas, cabe mencionar que Ferrão possuía também atitudes questionáveis, na verdade, um único "defeito" segundo o narrador.

> Tinha só um defeito o abade Ferrão: gostava de caçar! Coibia-se, porque a caça tira muito tempo, e é sanguinário matar uma pobre ave que anda azafamada pelos campos nos seus negócios domésticos. [...] Às vezes, porém, a tentação vencia; agarrava furtivamente a espingarda, assobiava à *Janota*, e com as abas do casacão ao vento, lá ia o teólogo ilustre, o espelho da piedade, através de campos e vales... E daí a pouco - *pum... pum*! Uma codorniz, uma perdiz em terra! E lá voltava o santo homem com a espingarda debaixo do braço, os dois pássaros na algibeira, cosendo-se com os muros, rezando o seu rosário à Virgem, e respondendo aos *bons-dias* da gente pelo caminho com os olhos baixos e o ar muito criminoso. (QUEIRÓS, 2000, p. 865)

Embora o narrador não pareça tratar o passatempo de Ferrão como algo repreensível, aparentando concebê-lo como mais uma das excentricidades do clérigo,

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

fica patente, por concepção do próprio abade, a ideia de falha moral em assassinar animais, devido ao puro e simples prazer fortuito e/ou vício. Penso que é mais uma personagem de Eça que, mesmo possuindo construção positiva, detém sempre um pensamento, uma atitude, um "resvalo", que atestará a não existência de perfeição quando se trata de humanidade. Tal concepção poderia ser constatada de maneira sintética, mas extremamente ilustrativa, no conto "A perfeição" (1897).

Volvendo a atenção novamente para a valorização dessa personagem empreendida pela narrativa no intuito de compará-la e confrontá-la com a maioria das personagens religiosas da história, constituindo-a como uma espécie de paradigma, é interessante notarmos as concepções que Ferrão tem sobre Deus, bem como suas reflexões desgostosas sobre as práticas religiosas difundidas por uma parcela dos clérigos da Igreja, instituição a qual que ele também pertence. Clérigos esses representados por Amaro, seus convivas, e todos os outros clérigos que até então foram mencionados no enredo.

A cena na qual o Abade é chamado para ouvir as confissões de D. Josefa, a irmã doente de Cônego Dias constitui-se um exemplo da decepção de Ferrão com seus confrades. A idosa congregava uma infinidade de características que até o capítulo XXI da obra tinham sido impingidas aos fieis católicos beatos que circundavam clérigos como os do Leiria. Uma interessante caricatura, portanto, do beatério que a narrativa quer criticar e ridicularizar.

Diante dos supostos pecados mortais da velha, impropérios em sua maioria condizentes com superstições ridículas, Ferrão demonstra desolação por estar diante do resultado deplorável da religiosidade do contexto:

> Percebera bem ao princípio que tinha diante de si uma dessas degenerações mórbidas do sentimento religioso, que a teologia chama Doença dos escrúpulos — e de que na sua generalidade estão afetadas hoje todas as almas católicas; mas depois, a certas revelações da velha, receou estar realmente em presença duma maníaca perigosa; e instintivamente, com o singular horror que os sacerdotes têm pelos doidos, recuou a cadeira. Pobre D. Josefa! (QUEIRÓS, 2000, p. 867)

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

Percebe-se que a ideia de que Ferrão havia sido "esquecido" pelos bispos, conforme notamos em citação anterior, constitui-se situação mais benéfica do que o contrário para o prelado. A narração parece sugerir que talvez fosse justamente por estar afastado da cidade, do centro religioso e de poder, que o Abade estava preservado da hipocrisia e do comportamento deplorável da maioria dos religiosos. Essa é, aliás, uma ideia difundida em algumas narrativas portuguesas oitocentistas, com temática anticlerical ou não, que têm religiosos como personagens, cito como exemplo significativo *O pároco de aldeia (1825)* (1843), de Alexandre Herculano (1810-1877).

Nesse trecho também fica evidente o quanto a narrativa serve-se dos pensamentos de Ferrão para, a partir de sua figura exemplar, tecer críticas à realidade religiosa e aos religiosos que desejava criticar. Dessa forma, por várias passagens do romance é o próprio Abade Ferrão que irá questionar as práticas inescrupulosas de seus colegas padres.

Após ouvir a confissão de D. Josefa, o Abade sente-se triste por perceber que aquela mulher e tantos outros fiéis sofriam de uma "degeneração mórbida do sentimento religioso", vivendo sob o jugo de uma fé fanática, fundamentalista e de convenções, que de essência cristã ou autenticamente religiosa, nada possuía:

> O abade Ferrão ficou calado um momento: sentia-se triste, pensando que por todo o reino tantos centenares de sacerdotes trazem assim voluntariamente o rebanho naquelas trevas da lama, mantendo o mundo dos fiéis num terror abjecto do Céu, representando Deus e os seus santos como uma corte que não é menos corrompida, nem melhor, que a de Calígula e dos seus libertos. (QUEIRÓS, 2000, p. 869)

Nesta altura da narrativa, essa desolação e tristeza melancólica parece mesmo ser a do narrador que, por intermédio da postura bondosa e positiva de Ferrão, expõe uma visada conclusiva sobre a atuação de todos os clérigos que até esse momento de seu relato, já próximo ao desfecho, vinha nos apresentando e criticando.

Os ensinamentos que Ferrão dava, destoava consideravelmente daqueles difundidos pelos Padres de Leiria com os quais a beata D. Josefa estava acostumada a conviver. Sua concepção de Deus também contrapunha a face vingativa, punitiva e

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

nada amorosa do denominado "Todo Poderoso", que os outros sacerdotes difundiam. Por isso, o narrador explicita que para a Beata D. Josefa, nada daquilo que Ferrão lhe falava fazia sentido.

Concluindo, até o desfecho da narrativa, com o final trágico de Amélia e as críticas a Amaro e outros clérigos intensificada, Ferrão segue preservado, sem receber quaisquer críticas degenerescentes.

Em meu ponto de vista, personagens como Abade Ferrão e Cónego Silva poderiam exemplificar outras facetas do discurso anticlerical queirosiano, pois fazem apologia a um "modelo" de clérigo que seria aceitável na sociedade, não afeito à hipocrisia e às práticas nefastas exercidas por alguns religiosos, como Padre Amaro e seus convivas, na micro-sociedade da ficcional Leiria, a qual, mimeticamente, é um desdobramento da macro-sociedade "empírica" dos leitores de ontem - e de hoje.

Por outro lado, suas atuações intensificam as críticas ferinas que se quer veicular contra uma parcela da Igreja e alguns religiosos desprezíveis, também responsáveis pela decadência de Portugal naquele contexto, como Antero de Quental preconizou nas "Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos" (1871), discurso que explicitou os principais propósitos da Geração de 70.

Referências

QUEIRÓS, Eça de. *O crime do padre Amaro*. In: *Revista Occidental* . Tomo I e II. Lisboa : Typ. de Cristovão Augusto Rodrigues, 1875. Disponível no site da Biblioteca Nacional de Lisboa: < http://purl.pt/12150>. Acesso em 09 ago. 2015.

_____. *O crime do padre Amaro*. (Edição crítica das obras de Eça de Queirós organizada por Carlos Reis e Maria do Rosário Cunha). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2000.

QUENTAL, Antero de. Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos. In: *Prosas Escolhidas* (org. por Fidelino Figueiredo). Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1942, p. 95-142.